

REVISTA DE GEOGRAFIA

**ORGANIZAÇÃO E PRODUÇÃO DO ESPAÇO:
AS TRANSFORMAÇÕES SOCIOESPACIAIS OBSERVADAS NO NÚCLEO
ORIGINÁRIO DO BAIRRO MEIO DA SERRA – PETRÓPOLIS – RJ**

**ORGANIZACIÓN Y PRODUCCIÓN DEL ESPACIO:
LAS TRANSFORMACIONES SOCIOESPACIALES OBSERVADAS EN EL NÚCLEO
ORIGINARIO DEL BARRIO MEDIO DE LA SIERRA – PETRÓPOLIS – RJ**

**Paulo Roberto Rodrigues de Oliveira
Universidade Federal de Juiz de Fora
Campus Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora
Rua José Lourenço Kelmer, s/n, Bairro São Pedro
CEP: 36036330 – Juiz de Fora – MG
E-mail: paulorobertoli50@gmail.com**

**Júlio César Gabrich Ambrozio
Departamento de Geociências – ICH – UFJF
Campus Universitário da Universidade Federal de Juiz de Fora
Rua José Lourenço Kelmer, s/n, Bairro São Pedro
CEP: 36036330 – Juiz de Fora – MG
E-mail: jambrozio@hotmail.com**

Resumo

Este artigo aborda as transformações socioespaciais ocorridas durante o surto industrializante nos séculos XIX e XX no núcleo urbano originário do bairro Meio da Serra localizado no Primeiro Distrito do Município de Petrópolis no Estado do Rio de Janeiro. O texto discute as oportunidades do surgimento e as características do núcleo fabril da antiga Companhia Fiação e Tecidos Cometa, assim como, a vida de bairro da comunidade e em particular a expansão das autoconstruções. Mostra como foi a organização e as transformações socioespaciais ocorridas nesse núcleo urbano, bem como as causas do declínio desse aglomerado após o encerramento das atividades produtivas dessa indústria têxtil a partir da década de 1970. Questões correlatas às práticas e políticas de preservação do patrimônio natural, arquitetônico e cultural na centralidade do bairro também são observadas. É um exercício fundamental de compreensão do povoamento desse núcleo urbano, a sua dinâmica entre o presente visível e o passado cristalizado na paisagem indicando a formação de uma periferia urbana.

Palavras-chave: Industrialização. Urbanização. Bairro. Vida de Bairro. Periferia.

Resumen

Este artículo aborda las transformaciones socioespaciales ocurridas durante el brote industrializante en los siglos XIX y XX en el núcleo urbano histórico del barrio Medio de la Sierra ubicado en el Primer Distrito del Municipio de Petrópolis en el Estado de Río de Janeiro. El texto discute las oportunidades de surgimiento y las características del núcleo fabril de la antigua Compañía Hilar y Tejidos Cometa, así como, la vida de barrio de la comunidad y en particular la expansión de las autoconstrucciones. Muestra cómo fue la organización y las transformaciones socioespaciales ocurridas en ese núcleo urbano, así como las causas del declive de ese aglomerado tras el cierre de las actividades productivas de esa industria textil a partir de la década de 1970. Cuestiones relacionadas con las prácticas y políticas de preservación del patrimonio natural, arquitectónico y cultural en la centralidad del barrio también se observan. Es un ejercicio fundamental de comprensión del poblamiento de ese núcleo urbano, su dinámica entre el presente visible y el pasado cristalizado en el paisaje indicando la formación de una periferia urbana.

Palabras-clave: Industrialización. Urbanización. Barrio. Vida de Barrio. Periferia.

1. Introdução

A sociedade na qual vivemos é marcada por relevantes mudanças espaciais no decorrer do tempo, com destaque para os avanços tecnológicos nos setores de comunicação e de transportes que induziram profundos desdobramentos e que ocasionaram transformações visíveis na sociedade e no espaço. A partir dessas observações, o objeto abordado neste artigo é o núcleo urbano histórico do bairro Meio da Serra que sofreu e ainda vem sofrendo consideráveis mudanças socioespaciais nas últimas décadas.

A centralidade do bairro, com mais de 100 anos de história, está localizada na vertente Sul, fixado na metade da Serra da Estrela, no primeiro distrito de Petrópolis fronteiro ao município de Magé no Estado do Rio de Janeiro, como pode ser observado na figura 1. Esta vertente fez parte de um importante eixo de crescimento econômico e ligação histórica desta cidade serrana com a cidade do Rio de Janeiro, assim, o núcleo fabril da Cia Fiação e Tecidos Cometa fundou o núcleo histórico do bairro e prosperou entre as décadas de 1890 e 1970.

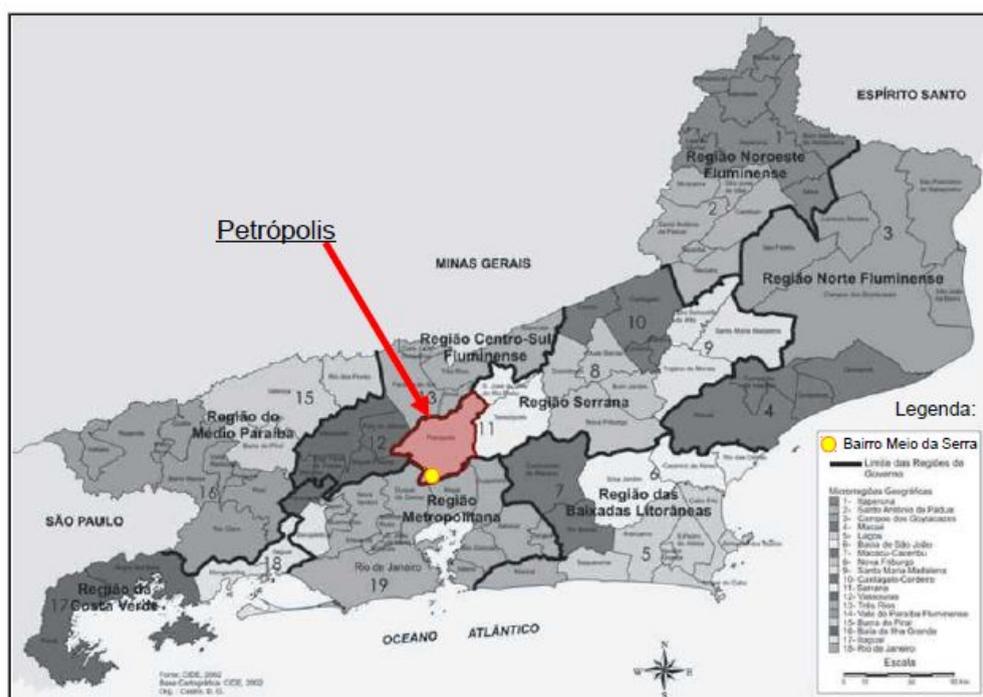


Figura 1: Localização do Município de Petrópolis na Região Serrana e no Estado do Rio de Janeiro.

Fonte: Centro de Informações e Dados do Estado do Rio de Janeiro – CIDE.

Adaptação: Paulo R. R. de Oliveira – Acesso 28 de Janeiro de 2018.

A geografia do bairro Meio da Serra oferecia condições naturais para a instalação de uma indústria têxtil na época, aproveitando estas condições, o núcleo fabril da Cometa foi encravado em meio a Mata Atlântica. Localidade com clima e relevo favoráveis a produção

têxtil e água em abundância da bacia do rio Cayoaba que abastecia a fábrica, contava ainda com facilidades de acesso pelas Estradas Normal Serra da Estrela e a de Ferro Príncipe do Grão-Pará, com a estação ferroviária Meio da Serra especialmente construída para servir mais ao transporte de matérias-primas e mercadorias para a fábrica e menos à condução de passageiros.

Historicamente, o núcleo urbano do Meio da Serra tem sua gênese localizada no primeiro empreendimento fabril nesta centralidade, a fábrica de papel Orianda pertencente ao Barão de Capanema que incluía, inclusive, casas operárias funcionando entre 1857 e 1874, quando finalizou sua produção de papéis de boa qualidade para a época, chegando a ter como clientes o Império e alguns jornais, informação essa confirmada no artigo publicado na Tribuna de Petrópolis (Opinião, p.2) em 20 de janeiro de 2010, subscrito por Oazinguito Ferreira do Instituto Histórico de Petrópolis – IHP, no qual lê-se que a Orianda guarneceu os jornais cariocas como: o Diário do Rio de Janeiro, o Correio da Tarde e o Correio Mercantil e igualmente as publicações de O Paraíba e O Mercantil de Petrópolis. É importante sublinhar que, neste mesmo “edifício” da Fábrica de Papel Orianda, antes mesmo da Companhia Fiação e Tecidos Cometa Meio da Serra iniciar a construção do seu núcleo fabril, ali também funcionou a Companhia Manufactureira Linha Estrela entre 1888 e 1890.

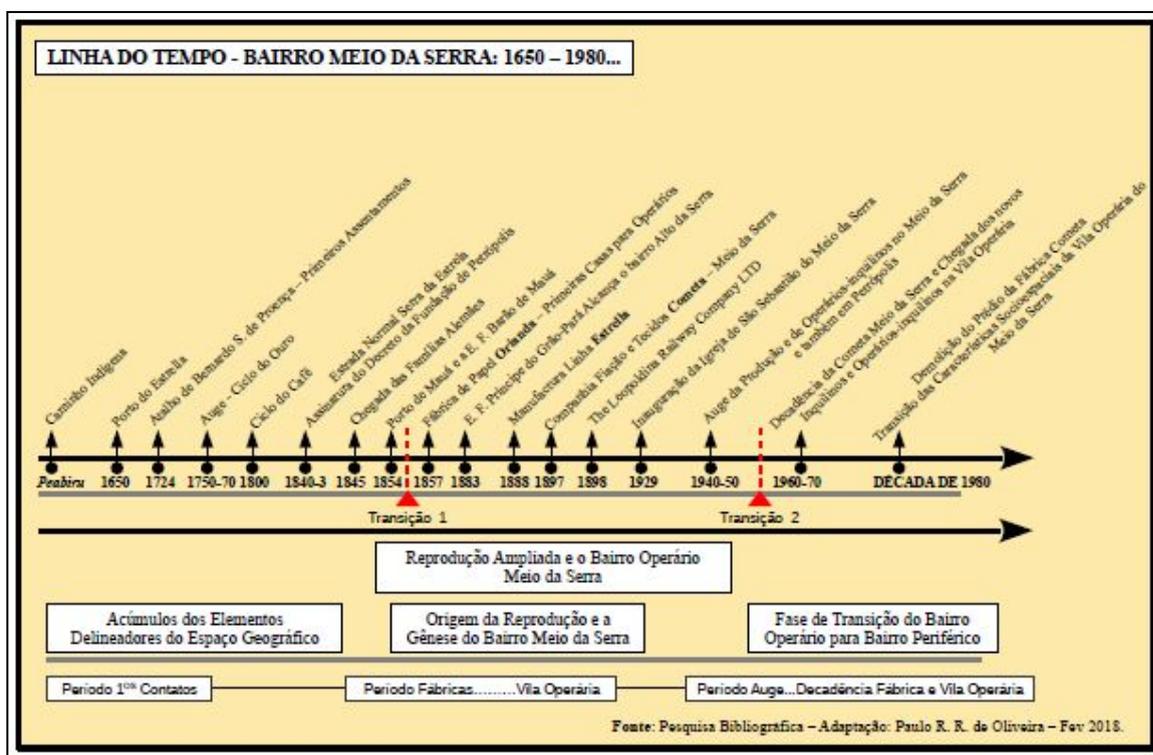


Figura 2: Fases Históricas – Bairro Meio da Serra.
Fonte: Pesquisa bibliográfica – Adaptação: Paulo R. R. de Oliveira – Fev. 2018.

Após a fixação do núcleo fabril, a Companhia Fiação e Tecidos Cometa começou a produzir tricolines, fustões, xadrez, flanelas e panos para colchões, desde então, o bairro e a vida de bairro foram se estabelecendo cotidianamente. Na primeira metade do século XX, uma crise se abateu sobre o Estado, ocasionando a desindustrialização na cidade imperial e a partir desse movimento o núcleo urbano primitivo do Meio da Serra vem paulatinamente se transformando com indicadores socioeconômicos insatisfatórios comparando-se ao espaço vivido na prática diária do bairro quando a fábrica organizava o seu espaço urbano.

A estrutura deste artigo está organizada num movimento a partir da visão geográfica no presente referente ao núcleo urbano original do bairro Meio da Serra, com relevância para a construção de casas populares – as autoconstruções – no entorno das ruínas da fábrica, para em seguida, num movimento ao passado aclarar a formação histórica da Cia de Fiação e Tecidos Cometa e a fundação definitiva do bairro a partir da construção da vila operária. O caminho de retorno, analisará a realidade do presente, as transformações socioespaciais visíveis na paisagem deste núcleo urbano nas últimas décadas que indica claramente a formação e a expansão de uma periferia urbana.

2. O Bairro Meio da Serra no Presente

O bairro Meio da Serra está ocupado e subdividido na vertente Sul do município, ao longo da antiga estrada Normal Serra da Estrela e no antigo traçado da estrada de Ferro Príncipe do Grão-Pará. Com população estimada de 4.698 habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010 o bairro é composto ainda por duas comunidades com histórias de formação distintas do núcleo urbano original: Lopes Trovão (Tombo da Serra) e Vila São Francisco (Horta).

Na área correspondente ao entorno das ruínas da fábrica Cometa, são 1.942 habitantes, totalizando 608 famílias registradas e atendidas pelo Programa de Atenção Básica à Saúde da Secretaria de Municipal Saúde de Petrópolis (SIAB). Nesta área é que foi fundado o núcleo fabril da Cometa originando o bairro Meio da Serra, a partir da construção da sua vila operária, nesse núcleo urbano.

As ruínas da Cia Fiação e Tecidos Cometa e a vila operária com seu correr de casas, ainda bem preservado que resistem ao tempo com algumas modificações evidentes, foram tombadas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) na década de 1980 e reconhecida como patrimônio cultural.

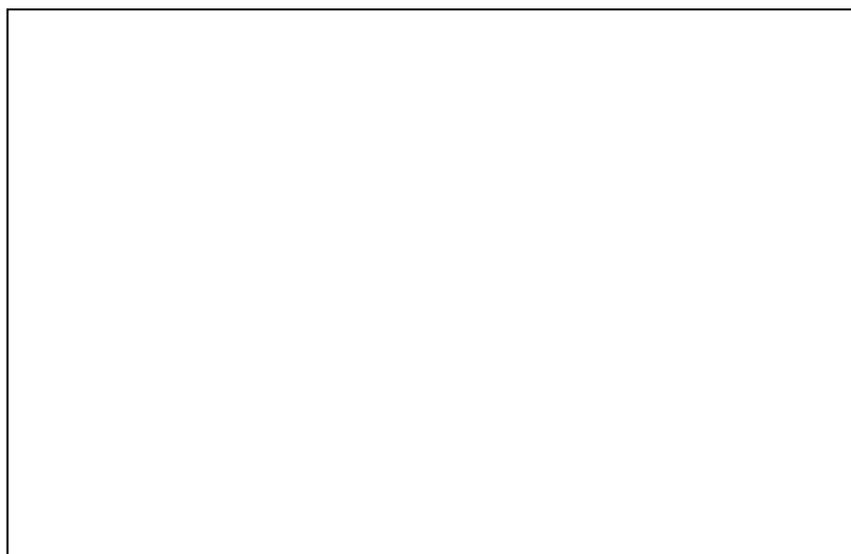


Figura 3: Autoconstruções no entorno das casas da vila operária e da Igreja de São Sebastião do Meio da Serra – 2006

Fonte: Acervo particular da Família Gastaldo.

Como pode ser observado na Figura 3, as “manchas” de periferia aparecem nas novas construções – as autoconstruções. Elas chamam a atenção tanto pela área ocupada quanto pelo padrão de construção. A maioria dessas “habitações” foram construídas pelos próprios novos moradores que se desdobram como sobretrabalho nos autoempreendimentos e que encontram um paralelo no estudo Sérgio Ferro sobre a produção da casa própria no Brasil. Em seu trabalho, Ferro trata da construção de residências de acordo com a classe social – a casa popular, a mansão e a casa da classe média – analisando alguns aspectos como: o construtor, os materiais utilizados, a técnica empregada e o uso.

Neste artigo, utilizarei apenas e de forma limitada, a descrição de produção da casa popular do referido estudo, comparando com as residências autoconstruídas no núcleo urbano original do Meio da Serra, posteriores ao fechamento da fábrica Cometa nesta centralidade.

De acordo com Sérgio Ferro (2005, p. 61) a maioria desses autoempreendimentos em qualquer bairro operário, via de regra, são erguidos pelos próprios moradores que atuam como “autoconstrutores” habitualmente nos fins de semana, feriados, ou férias, sua “casa própria” é revestida de materiais mais baratos ou reutilizados e na maior parte, sem acabamentos. Numa rápida olhada, é este o processo que predomina atualmente no visível do bairro Meio da Serra como um todo. Assim, a maioria das ‘habitações’ autoconstruídas, após o fechamento da fábrica Cometa na centralidade do bairro, confirma o padrão de baixa

qualidade da construção, os materiais utilizados,

Sempre os mesmos, são os de menor preço: o tijolo e as telhas de barro, feitos nas olarias neolíticas, o barro como aglomerante, a madeira não aparelhada de 3ª para estrutura do telhado [...]. Em tese outros materiais poderiam ser empregados. Mas uma série de restrições orienta a escolha: o preço reduzido do material é básico, ele precisa estar disponível perto para evitar o transporte oneroso, deve possibilitar compra parcelada com reservas de cada salário [...] A vinculação, [...], de tais materiais à casa popular não é questão de gosto, higiene, estabilidade ou conforto: é resultado do baixo nível de consumo permitido por seu salário (FERRO, 2005, pp. 61 e 62).

O resultado é um espaço construído com habitações à margem da legalidade, quase todas parecidas, um produto padrão. Falta o acabamento externo, falta a pintura, apenas o necessário para acomodar as famílias do frio do inverno e das fortes chuvas no verão. Observando as casas se percebe a rudeza das ‘construções’, não há luxo. A omissão da prefeitura possibilitou a ocupação irregular do solo neste bairro, este processo informal é um “depósito de problemas” com profundas carências, o importante para os moradores é o valor de uso social desse auto-emprego. No que se refere ao terreno onde são construídas essas ‘moradias’ recentes e também ao aumento demográfico do bairro, em seu artigo, *Preservação do Patrimônio Industrial e Direito à Moradia: Potencialidades de Preservação e Utilização da Vila Operária no Meio da Serra*, Rosa (2006) adverte para um outro problema,

O conjunto urbano de interesse cultural – que apesar de deteriorado, não perdeu suas principais características arquitetônicas – está inserido em uma área com características naturais que demandam preservação e são legalmente protegidas. [...] a ocupação desordenada do Meio da Serra, especificamente das áreas de entorno ao conjunto fabril tombado da antiga fábrica Cometa, vem acarretando consequências adversas à conservação do ambiente cultural [...] e natural que caracteriza o local (ROSA, 2006, pp. 5 e 7).

O bairro Meio da Serra em sua totalidade é uma área protegida por Leis (Federal, Estadual e Municipal) com sérias restrições ao uso do solo e da utilização dos recursos naturais ali existentes, portanto, a ocupação irregular torna-se uma preocupação com a preservação não somente dos recursos naturais, mais também com a preservação do patrimônio cultural no núcleo urbano originário do bairro, visto que, os novos moradores ocupam qualquer ‘pedaço’ de solo sem a preocupação, ou desconhecimento, com a área de tombamento.

Segundo Rosa (2006) a degradação ocorre pela “falta de informação, falta de recursos econômicos e inércia do Poder Público Municipal”, concorrendo dessa forma, para o agravamento da já precária infraestrutura urbana da centralidade do bairro Meio da Serra.

A infraestrutura urbana do núcleo urbano original encontra-se hoje de forma insatisfatória, a coleta de lixo funciona regularmente, embora em alguns domicílios o acesso é restrito devido a falta do arruamento. Dados da secretária de saúde do município, revelam que a maior parte do lixo é encaminhado à coleta pública, mas, que o destino de outra parte é queimando ou enterrado no próprio local ou ainda é descartado a céu aberto.

O fornecimento de energia elétrica abrange praticamente a maioria dos domicílios, ainda com alguns problemas pontuais. O bairro Meio da Serra é atendido razoavelmente por duas linhas de transporte público, uma do município Petrópolis, que liga o bairro ao centro da cidade e outra que vem de Piabetá, na Baixada Fluminense, passando pelo bairro alcançando o bairro lindeiro Alto da Serra.

O comércio local é muito pouco diversificado, possui uma padaria, um mercadinho, uma pequena loja de materiais elétricos e de construção, uma lojinha de balas, doces e salgados e alguns botecos.

Já o abastecimento de água é bastante precário, a maioria dos moradores utiliza água de poço ou nascente, ainda como era nos tempos da fábrica, nestas condições, fica evidenciado a necessidade de instalação da rede pública de abastecimento para evitar doenças relacionadas a ingestão de água contaminada.

Um outro grave problema no núcleo urbano original do Meio da Serra é a carência de um sistema de coleta de esgoto, na maioria dos domicílios o destino é a céu aberto, outros usam fossas, o que pode levar a contaminação do lençol freático e conseqüentemente doenças relacionadas ao consumo de água.

Na área de saúde e educação, a centralidade do bairro possui uma escola municipalizada a Pedro Amado, nome dado em homenagem ao antigo proprietário da Cia Cometa, que atende a comunidade até o 9º ano de estudo do ensino fundamental e um postinho médico implementado pelo governo federal.

Dessa forma, com todas essas carências, os moradores mais antigos, que permaneceram nas casas da vila operária, nas suas práticas sociais, resistem as transformações apesar do aumento indiscriminado da ocupação no entorno das ruínas da fábrica observado nas últimas décadas.

Com relação as práticas diárias dos moradores no núcleo histórico do bairro Meio da Serra, mesmo após a desindustrialização local, as palavras de Henri Lefebvre (1978, p. 195) ecoam como esperança, uma resiliência no modo de viver dos habitantes no Meio da Serra, disse ele que, “existe uma ideologia de bairro em declínio, [porém, como ainda não se perdeu o núcleo], o seu público-alvo e nem a sua influência”, ainda há uma resposta, uma reação às transformações ocorridas nas últimas décadas na vida de bairro e do bairro

Meio da Serra como um todo.

5. O Bairro Meio da Serra no Passado

A proto-história da centralidade do bairro começa com a fundação da fábrica de papel Orianda em 1857. Esta fábrica foi construída pelo então futuro Barão de Capanema (Guilherme Schuch) a pioneira Fábrica no Meio da Serra “produziu papel de ótima qualidade” para aquela época e sua falência data de 1874, sendo visitada por D. Pedro, segundo consta nos registros oficiais de 1882, em suas viagens à Petrópolis.

Um outro empreendimento, a Companhia Manufactureira Linha Estrella (1888) também era situada onde é a centralidade do bairro Meio da Serra, nas proximidades onde se encontra atualmente as ruínas da Orianda e da Cia Cometa Fiação e Tecidos, sobre esta manufactura, não foi possível conhecer a fundo, pois quase nada foi escrito sobre esta fábrica.

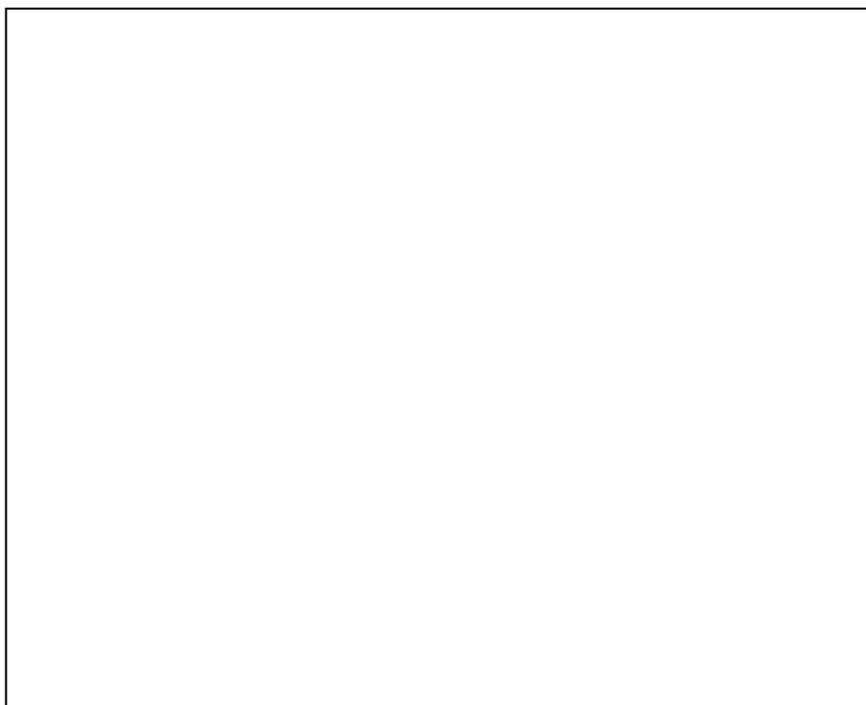


Figura 4: Vista da bela fachada Cia Fiação e Tecidos Cometa no Bairro Meio da Serra – 1897.
Fonte: Acervo Público do Museu Imperial de Petrópolis

Em 1890, nesta mesma localização, o núcleo fabril da Cia Cometa foi fixado, passando a produzir tecidos de boa qualidade. O crescimento rápido do empreendimento permitiu que a direção fabril em pouco tempo construísse a vila operária para os trabalhadores e suas famílias que pagavam aos donos da fábrica, módicos valores nos

aluguéis.

O Brasil, e principalmente, o Rio de Janeiro, passava por um surto industrial têxtil na segunda metade do século XIX e as primeiras do século XX, muitas plantas têxteis com seus núcleos fabris foram instaladas na Cidade do Rio de Janeiro e nas suas proximidades, tome-se como exemplo a Cia de Fiação e Tecelagem Carioca (1853), a Cia de Fiação e Tecidos Corcovado (1853), a Cia Petropolitana de Tecidos (1873), a Fábrica de Tecidos São Pedro de Alcântara (1875), a Cia Progresso Industrial do Brasil – Bangu (1889), a Fábrica de Tecidos Dona Isabel (1889) entre outros importantes empreendimentos, motivando dessa forma, a atração e a retenção de mão de obra, como também o surgimento de diversos bairros operários com as suas vilas operárias. Sobre a destinação das casas nas vilas operárias de uma forma geral, Danielle C. Moreira (2007), destaca que,

As primeiras moradias construídas destinavam-se à mão de obra que detinham um maior grau de especialização, como os imigrantes e os técnicos das casas importadoras, enquanto os empregados subalternos eram instalados em alojamentos e dormitórios. [...] Nas últimas décadas do século XIX e início do XX verificou-se uma generalização da prática de construção de vilas operárias. A própria expansão do setor industrial naquele período justificou a necessidade de ampliação da capacidade de acomodação de funcionários pelas fábricas (MOREIRA, 2007, pp. 209-210).

No caso da Cia Fiação e Tecidos Cometa, o conjunto fabril era destinado aos operários classificados segundo a hierarquia de funções. A Gerência, uma casa grande, confortável, isolada das demais residências e próximas ao portão da fábrica, com três quartos, cozinha, sala, banheiro, varandão e um grande quintal voltado para o interior da construção. Ao mestre de Oficina, casa com: dois quartos, sala, cozinha, banheiro e quintal. Ao Tecelão, casa com dois quartos, sala, cozinha e quintal e aos operários da Fiação, casa com sala/quarto e cozinha.

Note-se que nos dois últimos tipos de habitações não possuíam banheiros no interior da construção, os mesmos eram coletivos e disponibilizados numa construção a parte. As tipologias das habitações operárias para Moreira (2007), originam-se:

A partir do modelo de implantação [...] em terrenos dispostos em fileira, podemos identificar quatro tipologias predominantes: a habitação isolada [da gerência], a geminada [do mestre de oficina], em blocos de três, quatro ou cinco habitações [dos operários da fiação], [...]. Cabe ressaltar que todas estas tipologias vinculavam-se à lógica do 'habitat moderno' enfocando requisitos de economia, salubridade e disciplina, em menor ou maior grau e de acordo com a graduação no sistema fabril de seus moradores (MOREIRA, 2007, p. 216).

Em seu núcleo fabril, a Cometa do Meio da Serra, além da construção das habitações operárias, também dispunha de outros equipamentos coletivos recreativos e de

serviços como escola, igreja, creche, campo de futebol, salão de festas, cinema e teatro. Deste modo, cria-se uma atmosfera de bairro, de diversão nas horas de folga do pesado trabalho no chão da fábrica de doze horas por dia, impondo um cotidiano na vida dos operários. Conforme Moreira (2007), a fábrica se constituiu num forte elemento centralizador e controlador da vida cotidiana social do operariado, dentro e fora da fábrica,

Não obstante, a lógica presente na organização das vilas operárias e núcleos fabris era regida por orientações semelhantes às estabelecidas dentro da fábrica. Tratava-se, pois, da extensão do sistema fabril de trabalho do interior da fábrica para a vida dos seus operários. [...] Tal como no interior da fábrica, a concepção espacial dos núcleos fabris e vilas operárias era organizada de maneira a garantir as orientações de higiene e de controle social. Tais propósitos caracterizaram espaços de baixas densidades e pequenas dimensões. Algumas características espaciais também explicitam a preocupação com as questões sanitárias e de saúde [...] (MOREIRA, 2007, p. 211).

Além da ideia de regulação e centralização da vida do operariado fabril, a vila operária para Danielle Couto Moreira (2007, p. 213), “constituiu um instrumento ideológico de domesticação do trabalhador para além do cotidiano fabril”, para autora, esta foi a introdução dos fundamentos burgueses de habitação e de privacidade.



Figura 5: Parte da Vila Operária da Cia Fiação e Tecidos Cometa no Meio da Serra – 1930. No primeiro plano da fotografia, parte do correr de casas dos operários. No plano de fundo a Igreja de São Sebastião no Meio da Serra, inaugurada em 28 de maio de 1921. **Fonte:** Acervo particular da Família Gastaldo.

Outro aspecto comum relacionado as vilas operárias são os padrões simples e

econômicos das construções, a área de construção reduzida, a uniformização do modelo e a falta de ornamentos nas fachadas das casas, principalmente, nas dos operários de baixa qualificação. Uma outra característica interessante e perceptível presente na disposição das casas na vila operária da Cometa ou em qualquer outra vila operária da época,

[Foi] a rígida divisão funcional e social do espaço. Enquanto as casas dos operários, em muitos casos, [foram] construídas dispostas em longas filas, ou mesmo geminadas ou agrupadas em maior número de unidades, as habitações destinadas aos funcionários de cargos mais elevados dentro da hierarquia das empresas, tais como gerentes e técnicos, [foram] dispostas individualmente e localizadas em pontos estratégicos que permitissem um maior controle do núcleo ou vila. As demais edificações, geralmente de uso coletivo, tais como igrejas, armazéns, escolas, entre outros, comumente estavam localizadas junto à fábrica propriamente dita, ou concentradas em áreas centrais dos núcleos (MOREIRA, 2007, p. 213).

Aludindo-se a vila operária da Cia Fiação e Tecidos Cometa no bairro Meio da Serra, esta citação confere com a disposição espacial do conjunto arquitetônico. Os “correios” de casas, a igreja, a escola, a moradia dos mais qualificados, obedecem a este padrão rígido de distribuição, como já foi explicitado. Além das habitações, outras formas de controle da vida social do operariado fabril foram criadas pelos dirigentes das fábricas para “preencher” os dias de folga do trabalhador e contavam com,

Equipamentos coletivos recreativos [que] [...] [apresentavam] importante papel no processo de domesticação do trabalhador fabril. Como forma de promoção de atividades de regeneração das energias para o trabalho, foram diversas as formas de lazer empreendidas pelos industriais para seus operários. Na tentativa de ocupar as horas livres com atividades consideradas ‘úteis’ para os dirigentes [e os operários] das fábricas, foram organizados, entre outros, clubes esportivos, cinemas, teatros, praças, [...], bandas, além de festas religiosas (MOREIRA, 2007, p. 214).

No caso da Cia Fiação e Tecidos Cometa, era oferecido nas horas livres diversas atividades como futebol (Esporte Clube Cometa, que era o time da centralidade do bairro), festa junina, teatro, domingueira dançante, quermesse, banda de *jazz* e carnaval nas ruas do bairro. Além disto, merece destaque na formação da futura geração do operário fabril a escola que:

Tiveram uma ação direta sobre a coerção do operário ao trabalho. A educação funcionava como importante instrumento de controle social dos pobres desde que promovia a submissão, ou obediência, às regras do sistema fabril, atuando na formação de futuras gerações de operários de costumes regrados, instrução básica requerida para o trabalho fabril e subordinados ao uso do tempo regido pelo relógio (MOREIRA, 2007, p. 214).

O Grupo Escolar Cometa como era chamado na época, hoje Escola Municipal Pedro

Amado, teve forte influência sobre as filhas e os filhos dos operários que desde cedo tinham funções dentro da Cia Fiação e Tecidos Cometa. De acordo com a publicação do Jornal Diário de Petrópolis (Diário nos Bairros, 2011, p. 9), as crianças trabalhavam como carimbadores de tecelagem com idades entre oito e nove anos. De forma similar a autora antecedente, para Giroletti (2002), a escola desempenhou nas vilas operárias o papel de,

Promover sua alfabetização [que] era também uma medida modernizadora. Do ponto de vista de seu treinamento, era investir na criação da disciplina (a escola é uma agência específica de sua produção), na formação ideológica, moral e religiosa de seus futuros quadros. A alfabetização e a leitura passaram a ser ferramentas essenciais para o desempenho das novas tarefas fabris. A confecção de um relatório, o assentamento das horas trabalhadas e da produção, a leitura de prospectos e plantas de máquinas ou manuais técnicos, dos regulamentos, etc, não seriam possíveis sem o domínio da leitura, da escrita e da aritmética (GIROLETTI, 2002, p. 223).

Assim, o bairro Meio da Serra como espaço urbano na totalidade é um exemplo “tanto de ações que se realizam no presente como também daquelas que se realizaram no passado e que deixaram suas marcas impressas nas formas espaciais do presente” conforme assevera Roberto Lobato Corrêa (1995, p. 8).

Portanto, a partir do que foi exposto, percebe-se que o bairro foi transformado por ações realizadas ao longo do tempo, havendo desigualdade socioespacial refletidas nas diferenças de moradias construídas pela fábrica e as “moradias” mais recentes, autoconstruídas pelos moradores mais novos, indicando desta maneira, o surgimento de uma mancha de periferia no núcleo urbano originário do bairro Meio da Serra.

6. Visões Atuais do Bairro Mutante

As transformações socioespaciais observadas atualmente no Meio da Serra são convincentes sob o ponto de vista de atuação no passado da produção capitalista neste corroído núcleo urbano, elas estão nitidamente visíveis na paisagem, nos acréscimos às casas da vila operária e na vida cotidiana dos habitantes deste periférico bairro como pode ser constatado nas figuras 6 e 7.

O número de habitantes que nasceram no núcleo histórico do Meio da Serra, pós fechamento da fábrica, alcança mais de dois terços dos atuais moradores; um terço são de migrantes que residem a pelo menos dez ou mais anos no núcleo original do bairro e a maioria desses se declaram proprietários de suas casas.

Figuras 6 e 7: O Núcleo urbano originário do bairro Meio da Serra, no Passado e no Presente. Meio da Serra na década de 1930 (à esquerda) e 2006, data provável (à direita). Fotografias tiradas aproximadamente do mesmo ponto focal. Ao fundo, a Igreja de São Sebastião do Meio da Serra e parte das casas da Vila Operária. Na segunda fotografia (à direita e em cores), as autoconstruções acrescidas ao patrimônio histórico do Meio da Serra que foi tombado pelo IPHAN na década de 1980. **Fonte das fotografias:** Acervo particular da Família Gastaldo.

O nível de escolaridade também não é dos mais satisfatórios. No geral, é composto por pessoas que não concluíram o ensino fundamental e com baixa renda, a maioria com dois rebentos e a massa dos votantes tem como domicílio eleitoral o município de Petrópolis.

Atualmente, o local de continuidade do estudo dos moradores do núcleo histórico é predominantemente em direção serra-acima, em Petrópolis, sendo que uma pequeníssima parcela se desloca serra-abaixo para estudar ou complementar os estudos em cursos preparatórios.

Para realizarem as compras do mês, em função de preços mais acessíveis, a maioria segue para as localidades de Fragoso ou Piabetá, ambos localizados no município fronteiriço de Magé.

Da mesma maneira a cidade de Petrópolis ainda exerce forte influência sobre os que estão atualmente empregados e é o local de trabalho da maior parte dos moradores, geralmente no comércio; a outra pequena parte se encontra dividida, exercendo alguma função no minguaado comércio do bairro ou se deslocando para a baixada próxima ou ainda para a Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Nos finais de semana e feriados a diversão ou a busca por atividades culturais é muito equilibrada entre as possibilidades ofertadas pelos dois municípios, com ligeira vantagem para Petrópolis mesmo sendo mais longe e mais caro alguns serviços, como: cinema, boates e bares.

Para o atendimento médico hospitalar ou consultas periódicas, quando não é resolvido no posto médico do próprio bairro, os moradores se deslocam serra-acima onde

há maior infraestrutura na área de saúde, portanto, Petrópolis mantém ainda uma forte influência socioeconômica sobre este bairro periférico.

O núcleo urbano primitivo do bairro Meio da Serra, que foi materializado no passado pelo impulso da industrialização neste sítio montês, não é o mesmo de outrora, a não ser na memória dos mais longevos operários que permanecem ainda hoje como moradores, não mais terão o entrelaçamento na vida cotidiana que experienciaram antes pela dinâmica capitalista fixada no bairro por longo tempo.

A propósito, como observou Henri Lefebvre (2016, p. 64), “toda formação urbana conheceu uma ascensão, um apogeu, um declínio”, assim, a partir desse processo dinâmico do capitalismo, ao mesmo tempo que ele estruturou a vida jornalreira no núcleo deste bairro, foi ela, a *(des)*industrialização, a responsável pela desestruturação dessa mesma vida cotidiana no núcleo urbano do avoengo bairro operário, o Meio da Serra.

7. Considerações Finais

A produção deste artigo foi fundamental uma vez que possibilitou apresentar, analisar e comparar como se encontra atualmente a ocupação do bairro Meio da Serra, inicialmente pela instalação da Fábrica de Papel Orianda (1857) e posteriormente da Cia de Fiação e Tecidos Cometa (1890) com a efetiva construção de sua vila operária na segunda metade do século XIX.

Diante de algumas visitas à área de estudo e da bibliografia examinada, ficaram evidentes as transformações que vem ocorrendo no bairro nas últimas décadas, principalmente após o fechamento da fábrica, o que sugere o descaso das autoridades competentes na aplicação e manutenção da Lei.

As principais mutabilidades no visível do bairro, são as casas populares – autoconstruções – construídas no entorno da fábrica, ao longo da RJ 107 (Estrada Normal Serra da Estrela) e no antigo trajeto da extinta estrada de ferro que passava pelo local, são quase todas construções de baixo padrão construída pelos próprios moradores para atender suas necessidades imediatas, em sua maioria, sem nenhum vínculo com a história do núcleo urbano primitivo do bairro Meio da Serra e ainda, em menor grau, as adaptações nas casas da vila operária.

O bairro como um todo cresceu de forma desorganizada ocupando áreas que são protegidas por Leis, desta forma agravando o uso dos recursos naturais ali existentes e comprometendo a tipologia original da vila operária tombada pelo IPHAN na década de 1980, com fortes indícios, na paisagem geográfica, de expansão de uma periferia, no sentido da Sociologia urbana e também da Geografia.

Notadamente, a centralidade do bairro Meio da Serra, passou e ainda vem passando, por mutações significativas no seu espaço urbano no decorrer das últimas décadas. A qualidade de vida que os antigos moradores da vila operária vivenciaram no passado já não é mais a mesma ficando evidente a necessidade de melhorias no bairro.

O bairro Meio da Serra do presente *não* permanece mais inteiro como o bairro de outrora e sim um lugar de passagem e lugar-dormitório fragmentado-se a cada dia, com novas objetividades, formas e conteúdos.

Em síntese, atualmente no núcleo primitivo do bairro Meio da Serra, as formas do passado estão em processo de mutação visível, temos como resultado desse processo capitalista, o aumento descontrolado das autoconstruções na vertente Sul como um todo, a poluição do Rio Cayoaba e de seus afluentes, tudo isso acrescido da perda da identidade engendrada no passado histórico na centralidade do bairro, isto é, o possível desaparecimento dos “espaços familiares ligados à vizinhança, ao parentesco e ao compadrio” como uma consequência negativa para todos da comunidade.

Referências

BONDUKI, Nabil Georges; ROLNIK, Raquel. **Periferias: ocupação do espaço e reprodução da força de trabalho**. Programa de Estudos em Demografia e Urbanização – PRODEUR – FAUUSP – Fundação para a Pesquisa Ambiental – Caderno de Estudos e Pesquisa 2 – São Paulo, 1979.

CIDE – Centro de Informações e Dados do Estado do Rio de Janeiro – CIDE.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

DAMI – Digitalização do Acervo do Museu Imperial. In: [www.museuimperial.gov.br/dami/coleções digitalizadas](http://www.museuimperial.gov.br/dami/coleções/digitalizadas)

FERRO, Sergio. **A Produção da Casa Própria no Brasil**. In: Arquitetura e Trabalho Livre. Org. Pedro F. Arantes. ed. Cosacnaify. São Paulo. 2006.

GIROLETTI, Domingos. **Fábrica: convento e disciplina**. 2 ed. Brasília: Editora da UnB, 2002.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo de 2010.

JORNAL DIÁRIO de Petrópolis. (Diário nos Bairros), p. 9. 13/03/2011.

JORNAL TRIBUNA de Petrópolis (Opinião), p.2. 20/01/2010.

LEEDS, Anthony e LEEDS, Elizabeth. **A sociologia do Brasil urbano**. 2 edição – Rio de Janeiro: Editora Fio Cruz, 2015.

LEFEBVRE, Henri. **De Lo Rural A Lo Urbano**. Cuarta edición: Julio de 1978. Barcelona.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à Cidade**. Itapevi, SP: Nebli, 2016.

MARTINS, José de Souza. **Periferia Revisitada**. Espaço e Debates. Revista de Estudos Regionais e

Urbanos. Ano XVII. n. 42. 2001.

MAUTNER, Yvonne. **A periferia como fronteira de expansão do capital**. In: O processo de urbanização no Brasil – Orgs. Schiffer, Sueli Terezinha Ramos; Deák, Csaba. EDUSP, 2015.

MOREIRA, Danielle Couto. **Arquitetura Ferroviária e Industrial: O Caso das Cidades de São João Del-Rei e Juiz de Fora (1875 – 1930)**. São Carlos. 2007.

MOURA, Rosa; ULTRAMARI, Clovis. **O que é periferia urbana**. São Paulo: Ed. Brasiliense, (Coleção primeiros passos), 1996.

ROSA, Waleska Marcy. **Preservação do Patrimônio Industrial e Direito à Moradia: Potencialidades de Preservação e Utilização da Vila Operária no Meio da Serra – Petrópolis – Rio de Janeiro**. 2006.

SEABRA, O. C. de Lima. **Urbanização: Bairro e Vida de Bairro**. Revista do migrante. Ano XIII. n. 38. set/dez. 2000.

SIAB – Sistema de Informação de Atenção Básica – Secretaria de Saúde do Município de Petrópolis. 2015.

SILVEIRA FILHO, Oazinguito Ferreira da. Artigo: **Uma esquecida fabrica de papel em Petrópolis** – In: <http://petropolisnoseculoxx>. Postado no Blog em: 28/11/2009.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **O Bairro Contemporâneo: Ensaio de Abordagem Política**. RBG. v. 51. n. 2. 1989.